

Por uma nova atividade cultural

TIAGO RUFINO FERNANDES

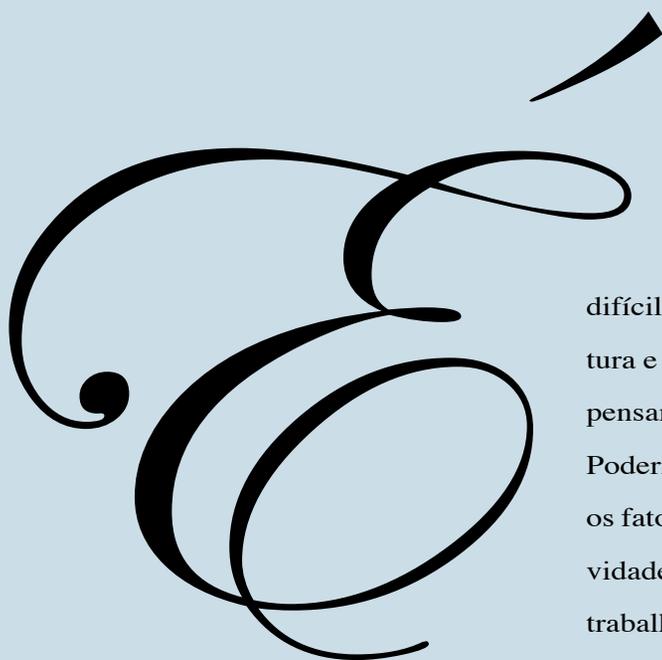


*Cultura e Literatura:
Diálogos*, de
Valmir de Souza,
Guarulhos, Prefeitura
de Guarulhos/
Funcultura, 2008,
152 p.

**TIAGO RUFINO
FERNANDES**

é formador de
professores de
Língua Portuguesa
na Prefeitura de
Guarulhos.

*“En la lucha de clases
todas las armas son buenas
piedras
noches
poemas”
(Paulo Leminski)*



difícil e quase impossível separar história, cultura e literatura: seriam esses campos modos de pensamento ou áreas de conhecimento isoladas? Poderíamos dizer que a história se debruça sobre os fatos, a cultura, sobre o cultivo mesmo da atividade humana intencional, e a literatura, sobre o trabalho estético com a palavra, mas nada disso satisfaz a necessidade de compreensão, em tudo isso, da dinâmica da cultura contemporânea e como seus desdobramentos, imersos na história, na estética e no cultivo, penetram os poros do cotidiano. Essa análise histórica, cultural, sociológica e literária, em que a distinção mencionada possui somente um caráter formal dentro da análise da sociedade, é o que encontramos no livro *Cultura e Literatura: Diálogos*, de Valmir de Souza.

Dividida em duas partes, a obra discute como se organizam as políticas em torno da cultura e do livro, quais são as concepções de cultura e literatura presentes nas atividades sociais, sejam de iniciativa pública ou privada, e de que maneira a indústria cultural permeia nossa forma de fruir alguma obra, seja literária, musical e, até mesmo, plástica. É evidente a influência do pensamento de Alfredo Bosi, Walter Benjamin e Theodor Adorno nos escritos do autor.

A primeira parte do livro, em que trata da cultura, o autor discute as relações entre a “cultura” midiática, consumista, e a própria construção de uma visão de cultura que nem sempre corresponde às reais práticas desenvolvidas pelas pessoas, mostrando, ainda, as contradições entre os discursos sobre a cultura veiculados na esfera pública. Alguns artigos são elucidativos dessas relações: “Em Torno da Ideia de Cultura”, “As Crises Contemporâneas e o Papel da Mídia”, “A Construção da Cultura Pública Urbana”, “O Mal-estar no Cotidiano: Consumo e Trabalho” e “Visões do Brasil”. Este último, em que o autor provoca o leitor dizendo que “há visões de um Brasil cordial e de um país violento, um lugar de ricos e de pobres, um país democrático e outro autoritário” (p. 45), remonta, *mutatis mutandis*, o “plural, mas não caótico”, com que Alfredo Bosi¹ inicia sua reflexão sobre a cultura brasileira, sobre a qual já se imaginou haver uma unidade cultural que, na verdade, escamoteia a própria dinâmica da cultura real produzida por pessoas reais.

A segunda parte do livro, em que o autor versa sobre a literatura, a sutileza com que trata a inserção das visões culturais na literatura deve permear o percurso de leitura do leitor para que este possa, com o autor, estabelecer o diálogo que lhe é proposto, de maneira que há, necessariamente, um quadro cultural com base no qual fruimos esteticamente a literatura, ou seja, nossa visão de cultura modaliza a forma de experimentarmos as práticas artísticas. É o que podemos ver na análise empreendida no artigo “A Literatura como Patrimônio Cultural”, no qual, com base na atividade do pesquisador na região do ABC, percebe-se “uma cultura literária de porte razoável” (p. 135), que já produz, independentemente, seus livros de poemas, contos, romances, criando uma cultura periférica e fazendo ressoar seus dilemas de identidade em obras publicadas. Há, nesse artigo, uma visão periférica de mundo que cria novos modos de expressão literária, aliando arte e cultura. Entretanto, não é somente a literatura que cria cultura, mas esta que, pela expressão literária, também ressoa naquela.

Ainda, em outro artigo, “A Literatura como Prática Cultural”, o autor defende que a literatura, “como exercício de invenção de novas realidades”, não está restrita a gestos da vida privada, mas, marcada pelas correntes culturais globalizadas (cultura de/para massas), constitui-se em um veículo de divulgação de visões de mundo diversas. Chamando a atenção para a cidade de Guarulhos, onde também desenvolve atividades culturais, Valmir de Souza salienta que a cidade possui uma vida cultural muito diversa, sobretudo na área de literatura, com uma Academia de Letras e movimentos de poetas ativistas, mostrando que “há, sim, uma organização literária bastante participativa e dinâmica, apesar de não haver editoras que deem vazão às obras produzidas” (p. 138). Isso gera um movimento de resistência na literatura, sobre o qual falaremos agora.

POR UMA DIALÉTICA DA RESISTÊNCIA

No que toca a esse movimento dialético no texto, entre as duas partes do livro, observa-se uma mudança no tom do discurso que merece destaque. Os artigos que tratam das relações da cultura com as outras artes, da cultura nos veículos de comunicação, ou da cultura com as práticas de leitura contemporânea (este já da segunda parte), possuem um tom muito mais “agressivo” do que os da segunda parte, que mexem, sobretudo, com o verniz discursivo-ideológico que perpassa a literatura (sobretudo em poemas).

Ao relacionar cultura e literatura, descobrindo os valores que a sociedade massificada tenta imprimir nos homens, o *diálogo* se apresenta como forma de expressão do que poderíamos chamar de “dialética da resistência”. O diálogo que Valmir estabelece com o leitor está na heteroglossia em que seu texto se pauta, ou seja, o movimento dialético está posto no próprio chamamento a uma reflexão sobre a cultura e a literatura no mundo contemporâneo que, não sendo necessariamente

1 Alfredo Bosi (org.), *Cultura Brasileira: Temas e Situações*, São Paulo, Ática, 1987.

inovadora (no sentido da novidade e da originalidade), relaciona reflexões já feitas, por outros autores e em outros momentos, para pensar as contradições da sociedade em relação à cultura.

No artigo “A Leitura no Mundo Contemporâneo”, o ponto de partida é a crônica “Moda Literária”, de Carlos Drummond de Andrade, cuja finalidade é o estabelecimento de relações entre objetos de desejo e objetos de consumo, em que se mostra que “o mercado que a tudo define acaba também por definir a produção cultural” (p. 115). Já no artigo “São Paulo: Diversidade Cultural e Discurso Oficial”, o autor procura delinear (um tanto geneticamente) a história das políticas culturais desenvolvidas pelas mais diversas administrações públicas da cidade de São Paulo, para mostrar como as estratégias discursivas se apresentam como uma negação do direito à arte para uma grande parcela da sociedade paulistana.

Nesse sentido, Valmir de Souza contrapõe as vozes discursivas de alguns agentes e polos: os periféricos, que têm suas próprias práticas de cultura; os promotores da cultura como *show* ou evento, em cuja concepção focaliza-se a produção cultural inserida em um certo mercado, como a promoção de peças de teatro, de *shows* em praça pública, etc.; e no outro polo o próprio autor, que, ao se relacionar com os discursos anteriores, faz perpassar seu próprio discurso no texto, marcando sua posição axiológica não como advogado dos periféricos ou mantenedor do *status quo*, mas afirmando, por outro lado, que “apresentar eventos a preços populares é só um aspecto do *direito* à cultura e não garante o *exercício da cultura como prática de cidadania*” (p. 66). As palavras *cultura* e *exercício* devem ser interpretadas dentro do próprio contexto vivencial do autor como “agitador” cultural nas cidades de Santo André, São Paulo e Guarulhos, por exemplo.

Por isso mesmo, diálogo e dialética se relacionam estreitamente no livro, na medida em que a dialética, método investigativo por excelência, se vale do diálogo como expressão discursiva para a sua veiculação. Todavia, a *dialética da resistência* não

tem por finalidade maior dar respostas aos problemas da contemporaneidade, mesmo porque, na reflexão filosófica, cultural e literária que nos propõe Valmir de Souza, mais vale a busca do que o encontro. Por isso, o texto resguarda o espaço para o outro, para a alteridade, no sentido bakhtiniano do termo. Esse é o sentido de diálogo no livro, em que as relações entre os interlocutores não se dão pela troca do turno de fala precedido de dois-pontos ou travessão, mas pela consideração dos discursos que se perpassam e formam, nessa relação, seu efeito de sentido.

POR UM DIÁLOGO NÃO ANESTESIANTE

Escrever sobre todos os artigos que compõem o diálogo entre cultura e literatura no livro seria impossível, dadas as finalidades do texto, mas, ao longo dos 22 artigos que compõem suas duas partes, o leitor encontrará armas para uma reflexão sobre questões do mundo contemporâneo que extrapolam os limites da cultura e da literatura, para adentrar o campo do sentido intrínseco da arte na formação de uma concepção de mundo para além da cultura do mercado e, por isso mesmo, do consumo que nos tem feito títeres de um mundo/palco sem experiências significativas, dado o imperativo da rapidez e do automatismo das ações, como se andássemos (ou seria corrêsemos?) sob uma camada muito fina de gelo, cuja parada nos fizesse afundar, de modo que qualquer profundidade é perigosa, sinônimo de queda.

Aos leitores diria que esse livro é para “pessoas lentas”, cuja profundidade, antes de significar não estar em consonância com os imperativos da *tacocracia*², se constitui em possibilidade de resistência, como oposição da força própria à força alheia, entendida como a arena de conflito onde rivalizam os valores contraditórios. Tal é a materialidade da palavra em *Cultura e Literatura: Diálogos*.

2. Do grego *tákhos*: rapidez.